

Introdução

A criança esteve presente desde as primeiras formulações de Freud representada pelo que podemos chamar de “infantil”. Para a psicanálise, podemos pensar que há uma disjunção desses termos, embora seja difícil delimitar sua separação. O infantil foi, principalmente, abordado através das análises dos adultos e, portanto, através de suas reminiscências¹. Ele não corresponde integralmente à criança no adulto, pois se apresenta no relato do adulto sobre seu passado. Nessa posição, Freud indica o quanto o infantil é tomado como sede de uma verdade primeira que surge dos relatos em análise sobre o que ficou das primeiras vivências da infância como lembrança. Aqui já podemos pensar na diferença indicada por Freud entre as lembranças que são relatadas em análise e as vivências propriamente ditas da criança que aquele adulto foi. Como procuraremos demonstrar, essa diferença aparece na construção do conceito de *realidade psíquica*² por Freud, quando ele constatou que a causa dos sintomas não se referia à fatos ocorridos, mas à fantasias e que estas eram produzidas como lembranças infantis, algo que se construía em conexão com o que ficou daquelas experiências³.

Por essa razão, em suas formulações, Freud localiza o infantil em dois pontos que buscaremos desenvolver. O primeiro, associado ao inconfessável do que podia ser rememorado pelo adulto em análise, quer dizer, aspectos das lembranças infantis relatados com dificuldade por estarem associados a sentimentos de vergonha e culpa. E outro associado aos aspectos impossíveis de lembrar e que precisavam ser reconstruídos em análise. Ou seja, alguns pontos desse infantil que existe em todo adulto e não pode ser lembrado, mas que se refere a espaços vazios que, através do processo de análise (e com os relatos de

¹ Utilizamos esse termo aqui em referência ao seu uso por Freud nas primeiras hipóteses sobre a histeria, já referidas às lembranças infantis: “Os *histéricos* sofrem principalmente de *reminiscências*” (Freud, 1893/1996, p. 43).

² Cf. seção 4.1 da quarta parte desta dissertação.

³ Cf. seção 4.2. deste texto.

sonhos, associações e atos falhos) vão sendo preenchidos de elementos construídos a partir da transferência⁴.

Este caráter de impronunciável que passou a estar ligado às lembranças infantis dos adultos só pode ser assim denominado porque articulado a outro tema central para a psicanálise: a sexualidade⁵. Nesse sentido, Freud logo percebeu que havia algo do infantil que não era acessível por uma via direta e que era preciso ouvir os pacientes sem se deixar impedir pelo que aparecia como “sem sentido”. Aos poucos, ficou claro como era a própria falta de sentido, que se descobria com a associação livre, que permitia que algo novo aparecesse. Só assim a sexualidade infantil podia comparecer, para que se pudesse fazer algo com os sintomas que se apresentavam para Freud. Ou seja, justamente porque o infantil envolvia o que era estranho, de alguma forma perdido, que para tratá-lo era preciso um caminho longo e cheio de desvios, como acompanhamos nas indicações de Freud e, depois, nas de Lacan. Melhor do que ninguém, Lacan demonstrou como as tentativas de simplificar esse percurso junto ao inconsciente eram uma forma de degradação da invenção de Freud⁶.

Assim, podemos dizer que Freud, ao perceber como o infantil e o sexual estavam ligados, inaugurou uma forma nova de encarar o psíquico e deu início à possibilidade de fazer falar do que não se sabia, do que não se lembrava e do que aparecia como sem sentido. Mais ainda, Freud começou a delimitar que havia algo entre o infantil e o sexual que tinha vastas consequências para o psíquico e, dessa maneira, para os sintomas que ele se propunha a tratar.

Essas questões iniciais delimitam um campo comum à psicanálise em geral, em que o infantil se localiza como ponto nodal e não pode ser entendido como sinônimo da criança.

Ocorre que na criança está em ação o sujeito do inconsciente e ela é, portanto, passível de passar por um processo analítico como um adulto, mas para pensar como se delimita esta clínica torna-se fundamental avançar na diferenciação acima, já que o campo de onde se delimitou o ponto de partida para esta pesquisa situa-se justamente na clínica com crianças. Ao se debruçar sobre o

⁴ Cf. o texto de Freud intitulado “Construções em análise” (1937/1996).

⁵ A maneira como se estabelece esta conjunção entre o infantil e o sexual colocada pela obra freudiana é abordada por diversos autores tais como Elia (1995), Barros, R. R. (1995), Laurent (2003), Clastres (1991) e Valas (1991).

⁶ Cf. Lacan (1958/1998) para um dos momentos em que Lacan se refere a este tema.

que se tem construído acerca da clínica com crianças a partir de uma abordagem lacaniana⁷, ficaram evidentes algumas questões:

1. Embora possua especificidades, tais como o imprescindível trabalho com os pais e a possibilidade de inclusão de outras formas de linguagem que facilitem o processo para a criança, tais como os jogos ou os desenhos, a clínica com crianças não se delimita neste campo como uma especialidade.

2. O percurso que uma criança constrói envolve questões como a separação dos pais e a construção de seu lugar no mundo que apontam de modo privilegiado para alguns conceitos que são da clínica psicanalítica de orientação lacaniana em geral e que buscaremos abordar: são estes o falo, o objeto *a* e a fantasia em suas articulações com o complexo de Édipo. Eles aqui se tornam especialmente relevantes, pois tratam especificamente do momento inicial da constituição subjetiva, na forma cronológica que assumimos, conscientes de todos os problemas que ela coloca para a abordagem lacaniana. Problemas que se colocam porque, como veremos, a criança não é aqui entendida como “ser em desenvolvimento”.

Dessa maneira, delimitou-se o objeto de estudo desta pesquisa: a articulação dos conceitos apresentados acima, partindo de Freud e pensando como Lacan os inovou e ressituiu e em que isso mudou a perspectiva clínica que podia ser pensada a partir de Freud.

Mas, para delimitar um pouco mais o campo de onde partem estas questões, procuraremos encontrar uma definição para a criança, mesmo que isso não possa ser feito de maneira exata, já que a teoria freudiana não se pauta por um referencial psicofísico de desenvolvimento. Nesse referencial, a separação entre o que seria uma criança e um adulto se daria pela puberdade, definição que por si mesma não é sem problemas, pois é difícil pensar que possam haver pontos de delimitação objetivos para definir as diferenças entre uma fase e outra⁸.

Para realizar uma delimitação no contexto da teoria psicanalítica, nos utilizaremos das ponderações de Laurent (2003) de que o adulto seria aquele que

⁷ Cf. Laurent (2003), Miller (1991), Lacadée (2003) e Solano-Suarez (1991).

⁸ Phillippe Ariés já nos demonstra com sua pesquisa histórica como a ideia da criança como um momento delimitado na história de uma pessoa é uma construção e é relativamente recente; data do século XVIII, aproximadamente, e possui determinantes referidos à formas de organização social. Cf. Ariés (1978).

pode se fazer responsável por seu gozo⁹. Laurent esclarece que essa definição não é uma referência ao adulto como ideal e sim a algo mais próximo de um “saber fazer” com as exigências de satisfação de origem inconsciente que se colocam para cada um e que o adulto teria mais ferramentas para lidar. Essa definição, que não se pretende definitiva, não resolve os impasses, especialmente se lembrarmos da sexualidade infantil como algo que não é nunca totalmente abandonado. Mas, por outro lado, parece nos dar uma importante indicação ao situar que há algo entre a criança e o adulto que muda na relação com o gozo. Tal referência já nos dá uma indicação de um caminho a ser seguido e será na direção destes impasses que buscaremos responder à algumas das questões colocadas acima.

Partindo-se desta concepção, seria na relação com o gozo que seria possível estabelecer uma diferenciação entre adulto e criança. Nesse sentido, poderíamos colocar como base para esta investigação que a criança se encontra em tal relação com o gozo que estaria mais próxima de uma relação de dependência do adulto e de desamparo frente às exigências de satisfação a que nos referimos acima¹⁰. Isso no sentido dela ainda estar construindo alguma separação desse lugar, já que nunca o abandonamos totalmente, como procuraremos demonstrar.

A relação com o gozo e as formas que uma criança pode construir para que se dê alguma separação em relação a este lugar¹¹, nos leva novamente à sexualidade e à idéia de que ela nunca deixa de ser infantil. Esse ponto se refere, como veremos, à impossibilidade da sexualidade atingir um ideal em relação às suas formas de satisfação. A sexualidade é sempre infantil no sentido de estar descolada de uma referência a noção de algo natural ou pré-estabelecido na maneira de atingir a satisfação. É distante de uma concepção da sexualidade como algo que sofre uma evolução da infância em direção à vida adulta. Com isso, queremos dizer que as formas de satisfação encontradas na infância nunca são totalmente abandonadas. Ou seja, para que se possa pensar as bases do que é

⁹ Entendendo por gozo uma forma de satisfação que não é pautada pelo princípio do prazer e que se refere a um excesso que encontra suas primeiras indicações no texto de Freud “Mais-além do princípio do prazer” (1920/1996): “Trata-se do modo lacaniano de situar a extrema ambiguidade do prazer na experiência analítica, feita de um dualismo paradoxal em que este e a dor, em seu fundamento, muitas vezes se situam em relação a um ponto em comum” (Vieira, 2008, p. 165).

¹⁰ Esse lugar se refere à “criança como objeto do Outro”, ideia que buscaremos apresentar no decorrer desta pesquisa.

¹¹ Lacan nos indica no *Seminário 10* que a separação que uma criança precisa construir não se refere a uma separação da mãe e sim deste lugar de objeto que se foi para o Outro. Cf. Lacan, 1962-63/2005, p. 135-136.

possível articular sobre a clínica com crianças é necessário partir do infantil como o nome do que se refere ao perdido e inconfessável da sexualidade e que, ao mesmo tempo, não pode ser eliminado.

Mas para entender esta conjunção entre infantil e sexual em Freud, é necessário passar pelo Édipo, pois foi nesse mito que ele buscou uma referência para abordar os elementos que começamos a lançar aqui. Assim, se coloca o primeiro tema sobre o qual este trabalho vai se debruçar: o Édipo em Freud e depois em Lacan.

E aqui podemos colocar uma primeira pergunta a ser respondida no corpo desse trabalho: em que Lacan contribuiu para a formulação do Édipo inicialmente dada por Freud? Com o objetivo de responder a essa questão, buscaremos apresentar as formulações de Freud sobre a entrada e a dissolução do Édipo, situadas a partir dos três tempos lógicos que Lacan nos apresenta em seu *Seminário 5* e referidas à fórmula do que ali ele teoriza como *metáfora paterna*. Para isso, procuramos também situar como ponto central do capítulo o conceito de falo em sua articulação com a castração, a partir da *primazia fálica* em Freud e dos desdobramentos que Lacan constrói na passagem do falo imaginário ao falo simbólico.

Com estas questões iniciais vemos as primeiras perguntas se desdobrarem em outras: como a reviravolta teórica de Lacan, a partir da invenção do objeto *a*, incidiu sobre suas contribuições para o Édipo? E ainda: com os desenvolvimentos de Lacan, que recolocam pontos centrais do Édipo e, conseqüentemente, desta pesquisa, como o falo e a castração, ainda é possível falar em Édipo?

Nesse sentido, para prosseguir na delimitação de respostas para essas perguntas, procuraremos apresentar no segundo capítulo o conceito de objeto *a*. Para abordar esse objeto, seguindo a indicação de Lacan de que isto não pode ser feito de maneira direta, acompanhamos seu percurso e buscamos uma aproximação através da angústia e do sentimento de estranheza. Referências que partem dos textos de Freud: “Inibição, sintoma e angústia” (1926) e de sua aproximação com a estética, via privilegiada para abordar o objeto, segundo Lacan, no texto “O estranho” (1919).

Ainda no sentido de acompanhar Lacan na construção do conceito de objeto *a*, buscamos delimitar sua relação com a imagem de si, a partir do Outro, para delimitar o objeto em seu estatuto de real irreduzível à imagem. O objeto *a* é, ao

mesmo tempo, irreduzível ao significante no sentido de que não encontra uma representação simbólica e é algo que escapa à linguagem e às primeiras referências que esta fornece para a construção de uma representação de si. Da mesma forma, esse objeto escapa à dimensão imaginária e, se pensarmos na constituição de uma imagem de si, também não será possível localizá-lo por meio dela.

Por não encontrar representação nestes registros referidos à linguagem e à imagem é que podemos falar do seu estatuto de *real*. Esse ponto encontrará uma importante referência no que Lacan retoma de Freud com os objetos da pulsão para construir uma referência ao corpo já descolada da ideia de unidade imaginária. Assim, a afirmação do real do corpo e dos objetos que dele se delimitam a partir da incidência significante, permitirá a Lacan abordar o objeto como resto da operação significante¹², mas também como objeto causa de desejo.

Procuraremos demonstrar como o conceito de objeto *a* recoloca temas tratados no primeiro capítulo, como o falo e castração, permitindo outra leitura. Nesse sentido, poderíamos dizer que buscamos apresentar como ambos, objeto *a* e falo, se articulam ao desejo do Outro.

Aqui se colocam as últimas perguntas a serem respondidas com o terceiro capítulo: de que maneira podemos pensar a articulação do objeto *a* para que se encontre um lugar para este excesso na constituição subjetiva? E se partimos da indicação de que este caminho será construído pela fantasia, podemos nos perguntar como se produz esta resposta para o enigma colocado pelo *desejo do Outro*¹³ de forma a situar este objeto.

Este será o rumo que seguiremos no terceiro capítulo, o de buscar situar como a fantasia pode ser pensada como tentativa de construção de uma resposta para o desejo do Outro com o que resta do Édipo. Para isso, apresentaremos as principais referências em Freud que incluem a ideia de *realidade psíquica* como realidade decisiva para a clínica. Em seguida, a ideia de fantasia como construção sobre pontos que não podem ser rememorados e que tem uma importante

¹² Nos referimos aqui à denominação de Lacan para a operação “divisão subjetiva”, quando ocorreria a entrada na linguagem e o sujeito passaria a ser representado por um significante, tendo como resto o objeto *a*. Cf. seção 3.1 da terceira parte deste texto.

¹³ Poderíamos dizer, de maneira simplificada e aproximativa, que o “desejo do Outro” é uma forma de Lacan apresentar a pergunta que se coloca para o sujeito sobre seu lugar no mundo. Buscaremos delimitar esta ideia no decorrer do trabalho.

referência no caso clínico “Homem dos Lobos”¹⁴. E, principalmente, no texto “Uma criança é espancada”¹⁵, com as consequências que Lacan retira dali para a formulação do conceito de fantasia fundamental, com a apresentação do matema ($\$$) no *Seminário 5*. Procuraremos evidenciar também a importância da fantasia para circunscrever, através da ideia de roteiro ou cena, o ponto de real que é colocado pelo objeto. Para isso, percorreremos inicialmente o roteiro que se articula a uma estrutura referida ao matema ($\$$) apresentado por Lacan e, em seguida, a fantasia como cena, apresentada no *Seminário 10*.

Dada a delimitação destes três conceitos, nos restringimos aos *Seminários 4* e *5* para tratar dos temas abordados no primeiro capítulo e ao *Seminário 10* para tratar dos temas do segundo capítulo. No terceiro, para tratar da fantasia, recuperamos principalmente as referências que se encontravam nestes três seminários que foram utilizados para os primeiros capítulos.

Com estas indicações para situar os principais temas de nossa pesquisa, abordados em três capítulos, esperamos que seja possível visualizar como esses conceitos estão amarrados uns aos outros. Que seja possível também constatar como essa amarração se dá principalmente pela fantasia e que esta nos permita extrair algumas consequências clínicas, nosso principal objetivo com este trabalho.

¹⁴ Freud (1918[1914]/1996).

¹⁵ Freud (1919/1996).